

TRANSFORMAÇÕES RECENTES
NA GEOGRAFIA DO FUTEBOL EM PORTUGAL *

JORGE GASPAR
FERNANDO HONÓRIO
JORGE HONÓRIO
JOSÉ MANUEL SIMÕES

Nascido, como tantos outros desportos, entre os jovens privilegiados da Grã-Bretanha do século passado, como mais um divertimento da *leisure class*, o futebol depressa se transformou no mais popular dos desportos, difundindo-se por todos os continentes; primeiro através da Europa e da América Latina, posteriormente cativando as massas da África, da Ásia e, por último, mesmo da América do Norte. Actualmente, o campeonato do Mundo de Futebol constitui o primeiro acontecimento à escala do planeta. Já em Junho de 1978, como acentua D. MORRIS na sua *A tribo do futebol* (p. 7), mais de mil milhões de pessoas viram a final da Taça do Mundo entre a Argentina e a Holanda; passados quatro anos, esse número foi largamente ultrapassado, quando da final entre a Itália e a Alemanha Federal. Se mudarmos de escala, encontramos, em termos proporcionais, a reprodução ou até ampliação do mesmo fenómeno no interior de muitos países — por exemplo em Portugal.

(*) O presente artigo retoma uma comunicação que apresentámos ao IX Congresso Internacional da HISPA (International Association for the History of Physical Education and Sport), Lisboa, 1981, sob o título «O Futebol: Mobilidade Geográfica e Social», que foi publicado nas respectivas *Actas*, p. 143-159.

A par da Rádio e da Televisão o futebol constitui a principal actividade organizada de tempos livres, com expressão bem marcada ao longo de todo o território, quer enquanto espectáculo, quer ainda enquanto prática desportiva, mais ou menos institucionalizada. A difusão e o desenvolvimento do futebol em Portugal e noutros países conferiram-lhe um papel predominante que o coloca actualmente entre os principais elementos distintivos da nossa cultura. Neste contexto, não admira que com o futebol se cruzem os mais variados fenómenos da vida comunitária e individual, desde a política às relações familiares, das tensões sociais à economia.

Este portentoso fenómeno tem, naturalmente, várias componentes e, por isso, o seu rendimento obriga a múltiplas abordagens, sendo, em geral, as sociológicas e as antropológicas as privilegiadas. Os nossos estudos pretendem apenas, como contributo, chamar a atenção para a sua dimensão geográfica, inserindo-o no contexto mais vasto do desenvolvimento urbano-industrial de distintas parcelas do território português. Perante a inexistência de estudos de índole sociológica, económica ou antropológica sobre o futebol português, a interpretação geográfica depara-se com obstáculos só superáveis com o recurso a hipóteses explicativas que ultrapassam frequentemente o âmbito puramente geográfico; esperamos assim, de algum modo, estimular outros estudiosos para a realização de estudos mais localizados e aprofundados.

Tanto a nível internacional como nacional, o futebol representa um veículo de comunicação e um espaço de diálogo, pela identificação que gera e pela abertura que permite. Em Portugal, no passado recente e, no fundo, ao longo de todo este século, o futebol facilitou o contacto entre diferentes regiões, fez esquecer ou desviar as tensões sociais, reduzindo a conflituosidade.

Por outro lado, é sobretudo o futebol (os outros desportos têm menor peso em Portugal) que adquire o valor de símbolo do território que cada indivíduo apropria — do lugar ao município, à província e ao País. Os desafios aparecem, sobretudo para o público, como embates de afirmação de posse ou consolidação dos direitos sobre esse território; no fundo, representam a permanente defesa de uma Pátria. É curioso notar a ocorrência de toda uma simbologia que mostra um certo paralelismo com a do próprio estado: bandeira, estandarte, farda e, mesmo, hino. Atente-se ainda no papel que representam os encontros em que equipas nacionais participam nos países

de forte emigração portuguesa: em muitos casos (na Bélgica, na Alemanha, na França, na Suíça) o número de portugueses (emigrantes) que assistem aos encontros é superior ao dos naturais e apoiantes do clube local; para esses emigrantes, que se chegam a deslocar centenas de quilómetros pela Europa, para ver o Benfica, o Sporting ou o Porto, a equipa representa o seu país e tem não só a função de matar saudades, mas ainda (talvez sobretudo) de lhes afirmar no *estrangeiro* que eles também têm uma pátria, capaz de feitos gloriosos — o futebol (a vitória...) pode representar assim a vingança de tantas humilhações sofridas, explícita ou implicitamente.

Ainda a propósito do emigrante recorde-se que *A Bola* é o grande jornal da emigração, porque o futebol é sem dúvida o principal elo de ligação à Pátria: à pátria país e também terra natal. Veja-se ainda a importância que têm as secções desportivas em todos os jornais locais ou regionais, que, pela maior parte, se destinam aos emigrados...

Reside talvez aqui, em grande medida, o carácter interclassista com que se desenvolve e consome o fenómeno futebolístico nos seus vários escalões espaciais. Carácter que se acentua à medida que se alarga a escala territorial (a que corresponde também o alargamento da escala social), até se chegar à selecção, a equipa de todos nós. Mesmo a nível local o fenómeno é visível. Recorde-se, por exemplo, como se fundiram clubes que inicialmente tinham ou pretendiam ter um conteúdo marcadamente classista — Operário, Fósforos, etc. São frequentes as uniões de clubes em localidades da província (Santarém, Tomar, Leiria, entre outros); inicialmente estes clubes tinham uma nítida origem em grupos sociais distintos — o União de Santarém, por exemplo, resultou da fusão do Operário com Os Leões⁽¹⁾. Também a inserção de um clube num espaço competitivo mais vasto vai-lhe diluindo

(1) Têm-se feito várias uniões de clubes de futebol, mas são raras as de colectividades de cultura e recreio. Isto tem que ver com a necessidade de manter o conteúdo classista das colectividades de cultura e recreio, onde é mais evidente o contacto pessoal directo, que se opera com mais frequência e em actividades desenvolvidas no interior da própria comunidade (ou parte dela); pelo contrário, o futebol está sobretudo voltado para confrontações com equipas de outras terras e o espectáculo processa-se em recintos onde está mais facilitada a diversificação social dos espaços (peão, bancada, etc.).

qualquer conteúdo classista, que eventualmente existisse, conferindo cada vez mais — à sua colectividade — um símbolo territorial: quando o Benfica joga na Europa, passa a ser a equipa de todos nós (até dos sportinguistas...), assim como o Marítimo é, no Continente, a equipa de todos os madeirenses, que esquecem as rivalidades regionais.

A análise e o entendimento dos mecanismos geográficos do futebol, através da correlação com outros fenómenos económicos e sociais com conteúdo espacial, podem pois representar um contributo importante para a diferenciação do espaço sócio-político — uma das tarefas do geógrafo. Pode dizer-se que, pela sua generalização a todo o território, pelas classes activas (positivas ou negativas) que gera em diferentes classes sociais, o futebol é em Portugal, como noutros países, um elemento relevante na explicação residual relativamente a abordagens clássicas.

Geografia dos Clubes de Futebol

Como se mostrou em estudo anterior⁽²⁾, a evolução da distribuição espacial dos clubes de futebol acompanhou, desde a introdução até 1971, as transformações verificadas no processo de desenvolvimento português. Assim, concluiu-se que o futebol se expandiu em estreita relação com o crescimento urbano-industrial. Este processo originou uma concentração da sua prática, quer enquanto desporto, quer enquanto espectáculo, nas áreas de maior densificação urbana e maior implantação industrial. Segundo o estudo citado, até 1971, o desenvolvimento dos clubes de futebol aparecia particularmente ligado ao fenómeno industrial, o que decorria, a um tempo, da atracção que a prática desse desporto exercia sobre a juventude, e, a outro, da adesão do proletariado industrial ao associativismo futebolístico. Então, existiam clubes implantados em áreas fortemente industrializadas que constituíam autênticos «viveiros» onde os clubes mais importantes «colhiam» — o Barreirense, o Leixões e, em certa medida, o Olhanense, são exemplos de três regiões distintas.

(2) JORGE GASPAS, «Aspectos geográficos do futebol em Portugal» in *Brotéria*. Lisboa, 1971. Separata, 19 p.

A figura 1 evidencia a forte concentração dos clubes de futebol que alguma vez tiveram grande projecção nas áreas urbano-industriais, sem que exista proporcionalidade com a distribuição

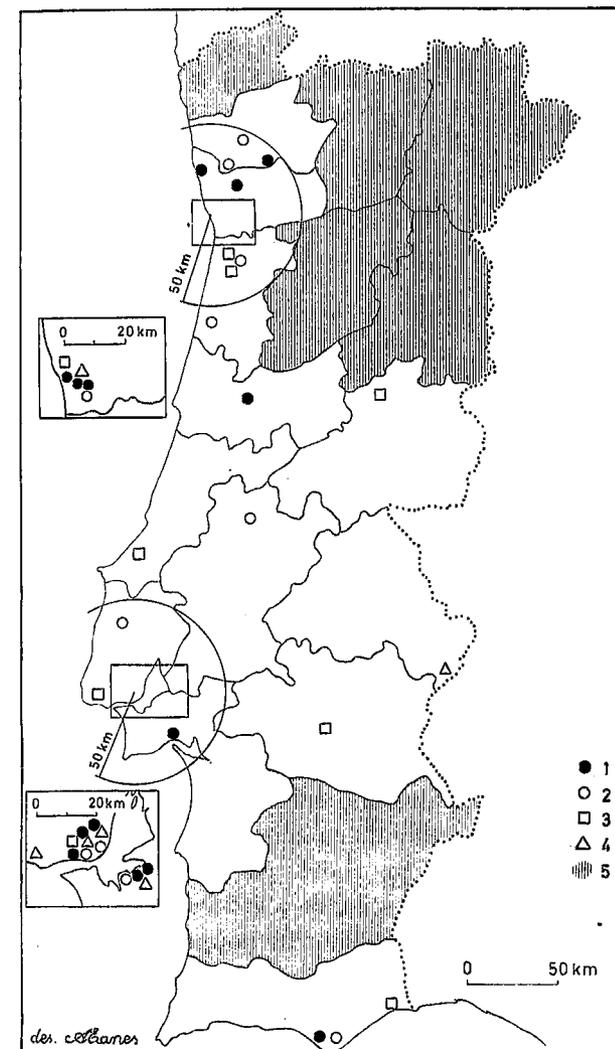


Fig. 1 — Grupos de futebol que alguma vez participaram nos campeonatos da 1.ª liga ou da 1.ª divisão nacional.

- 1 — Grupos na 1.ª divisão (1970-1971).
- 2 — Grupos na 2.ª divisão (1970-1971).
- 3 — Grupos na 3.ª divisão (1970-1971).
- 4 — Grupos que desapareceram ou disputam campeonatos distritais (1970-1971).
- 5 — Distritos onde nunca qualquer clube ascendeu ao campeonato principal.

da população. A quase totalidade dos concelhos que nunca tiveram clubes na 1.ª divisão nacional insere-se em áreas rurais, com fraco desenvolvimento industrial; as poucas excepções correspondem ou corresponderam a clubes com projecção na segunda divisão, casos de: Marinha Grande, Peniche, Torres Novas e vários entre Douro e Cávado. Por outro lado, a concelhos de recente expansão industrial tem correspondido a ascensão de alguns clubes: Paços de Ferreira, Penafiel, Agueda, Oliveira do Bairro, Leiria, Alcobaça e Sines. As equipas de concelhos do interior no campeonato da primeira divisão correspondem sempre a aglomerados urbanos e a conjunturas particulares. O Sporting da Covilhã atinge o escalão máximo quando a indústria têxtil atravessa um período de desenvolvimento; a subida do Académico de Viseu à primeira divisão coincide com um certo surto urbano-industrial da cidade, com particular acento na construção civil; enquanto as únicas equipas alentejanas que chegaram a este escalão provêm de dois dos maiores centros urbanos, Évora e Portalegre, e conseguiram-no em períodos em que a agricultura da região atravessava uma certa euforia.

Depois de 1971 operaram-se transformações de vária ordem, tanto a nível da orgânica interna do aparelho administrativo do futebol, como a nível das forças económicas e sociais do país, que podem ter originado sensíveis alterações à situação atrás sintetizada. A maior parte das mudanças decorreram, por certo, das modificações políticas introduzidas com o 25 de Abril de 1974.

No que respeita ao aparelho administrativo do futebol e, naturalmente, ao seu suporte legal, os acontecimentos de maior relevo terão sido o alargamento em clubes das duas divisões secundárias e o novo sistema de contratação de jogadores. O alargamento veio possibilitar, pelo menos numa primeira fase, mais ampla representação de áreas com menor número de equipas a disputar os campeonatos nacionais. O novo sistema de contratação, permitindo uma maior mobilidade dos jogadores, fez com que deixasse de se evidenciar a existência dos tais «viveiros» a que nos referimos. Hoje continuam a existir estes e outros «viveiros», mas a procura e contratação por parte dos principais clubes faz-se nos escalões etários mais jovens, desenvolvendo-se uma teia complexa de produtores-intermediários-consumidores. Compulsando os resultados dos campeonatos nacionais dos escalões mais jovens, em particular os *iniciados*

e os *juvenis*, ressalta (tanto no número como nas classificações obtidas), o aparecimento de grupos com reduzida projecção (a par dos grandes clubes tradicionais), que por vezes nem estão representados nos nacionais seniores da segunda ou terceira divisões. Na quase totalidade dos casos estes conjuntos localizam-se em áreas com significativa implantação industrial no respectivo âmbito regional⁽³⁾.

A análise dos percursos efectuados pelos jogadores (fig. 2, 3 e 4), embora incompleta, permite evidenciar, para além da existência dos «viveiros» já referidos (principalmente Barreiro e Matosinhos), dois aspectos decorrentes do actual sistema de contratação. Por um lado, os «grandes» clubes (sobretudo Benfica, Sporting e F. C. do Porto) passam a investir com maior intensidade nas suas escolas de jogadores; esta produção própria tem como consequência uma atracção de valores dos escalões etários mais jovens, sobretudo através duma triagem nos clubes locais (situação particularmente nítida se observarmos a mobilidade dos jogadores naturais da Área Metropolitana de Lisboa). Por outro lado, os clubes com uma capacidade financeira mais reduzida são impossibilitados, na maior parte dos casos, de reterem os novos valores locais em fase de afirmação e de assegurarem contratos de maior duração com

(3) Os campeonatos dos escalões mais jovens realizam-se por séries em que estão representados todos os distritos do país. Alguns exemplos do que afirmamos acima:

<i>INICIADOS</i>	<i>JUVENIS</i>
Torraltal	Torraltal
Avintes	Lourosa
«Os Repesesenses»	«Os Repesesenses»
Alferrarede	Marrazes
S. Félix (da Marinha)	MTBA
Sanjoanense	Avintes
Louletano	Oriental
	Oliveirense
<i>JUNIORES</i>	Alferrarede
Vilanovense	Lusitano V. R.
Alverca	Arrifanense
Oliveirense	Tramagal
«Os Bucelenses»	Perosinho
Almada	Abraveses
Marrazes	S. L. Marinha
Unidos do Barreiro	Avanca

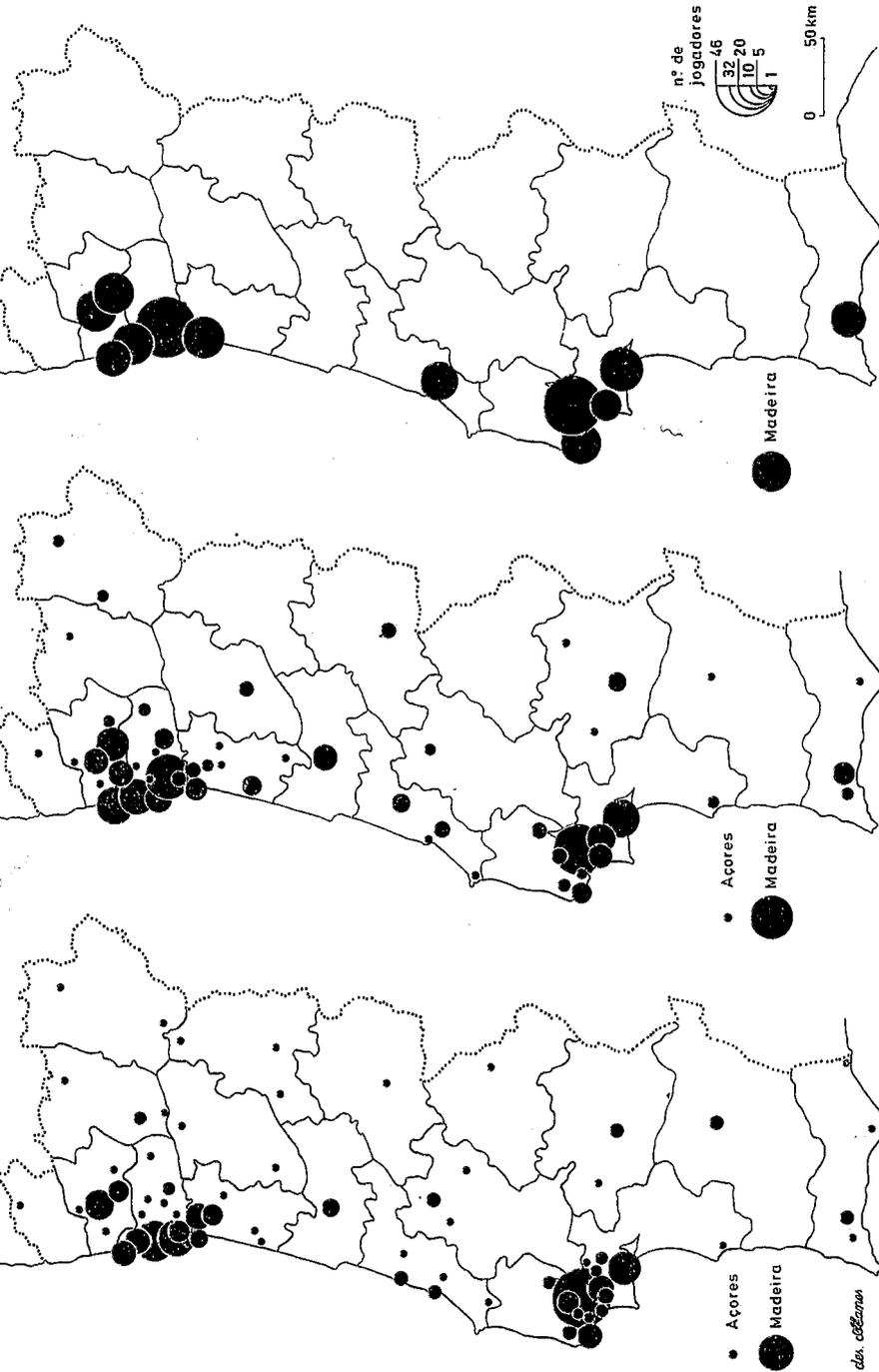


Fig. 2 — Primeiro clube em Portugal onde actuaram os jogadores nacionais de futebol da 1.ª Divisão, por concelhos (1982-83). *
 Fig. 3 — Clube anterior ao actual dos jogadores nacionais de 1.ª Divisão, por concelhos (1982-83). * Fig. 4 — Clube actual dos jogadores nacionais de futebol da 1.ª Divisão, por concelhos (1982-83). *
 * Com excepção do Salgueiros.

jogadores cuja meta é a valorização rápida como trampolim para chegar em último caso aos «grandes» clubes. Esta acentuada instabilidade do plantel é ainda reforçada pelo interesse destes clubes em realizarem contratos de curta duração com jogadores já «velhos», efectuando geralmente o movimento inverso dos primeiros, ou ainda de alugarem por uma ou duas épocas jovens jogadores dos «Grandes» que aí vão ganhar experiência ou muito simplesmente testar o seu valor. A dimensão espacial destas transferências encontra-se ilustrada através da importância que alguns clubes da divisão secundária (Famalicão, Académico de Coimbra, Lusitano e Juventude de Évora, Académico de Viseu, União de Leiria, Beira-Mar entre outros) têm na constituição do plantel dos clubes da divisão superior, sobretudo naqueles que ascenderam recentemente a este escalão, como no caso do Ginásio de Alcobaça, Espinho, Estoril, Portimonense, Amora, etc.

Essa mobilidade dos jogadores criou uma maior dependência do factor capital, facultando a clubes sem peso significativo na prática do futebol a constituição de equipas fortes, desde que dispusessem de recursos financeiros. Este facto, se, por um lado, veio originar uma maior instabilidade financeira, sobretudo nos clubes com menores posses, por outro lado, permitiu o aparecimento de equipas, que chegaram à I Divisão, em centros sem tradição futebolística, mas onde o capital disponível em determinadas conjunturas possibilitou a aquisição de jogadores de outras áreas.

Decorrente da nova situação, verifica-se a expansão e prevalência do futebol como espectáculo, organizando-se os clubes cada vez mais em moldes empresariais. Esta evolução implica ou, pelo menos, sugere o maior desenvolvimento de relações de dependência relativamente a potenciais investidores e, nalguns casos, a secundarização da dependência relativamente ao desenvolvimento urbano-industrial, de carácter local, que prevalecia anteriormente. Em qualquer caso, observou-se uma certa euforia monetária, com a injeção de capitais e pessoas na província (retornados das ex-colónias, autonomia municipal — ou regional no caso da Madeira, pequenos e médios investimentos produtivos que fugiram aos esquemas centralizadores antes prevalentes), que criou no futebol como em muitos outros domínios um clima favorável a iniciativas que têm na expressão bairrista uma componente fundamental.

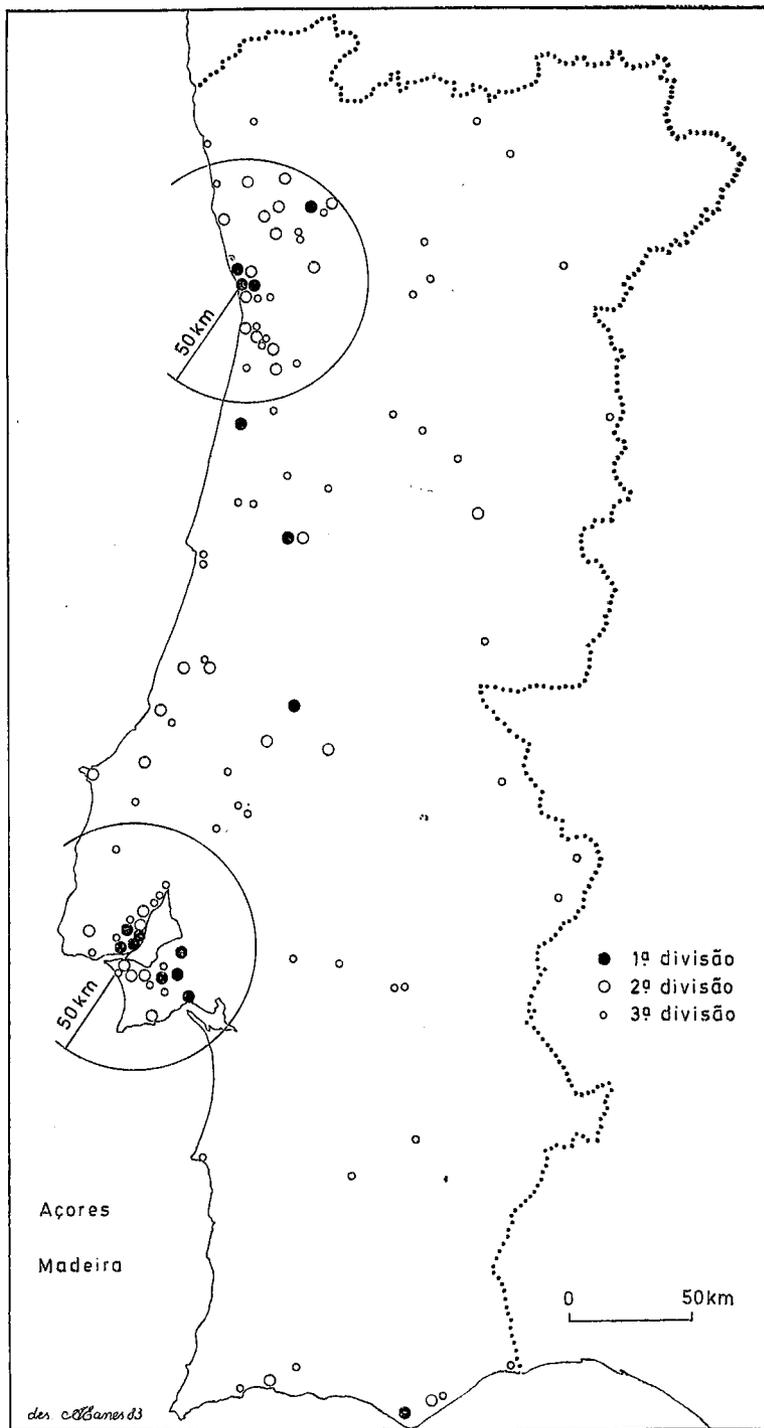


Fig. 5 — Grupos de futebol nas 1.ª, 2.ª e 3.ª divisões nacionais — época 1972-73

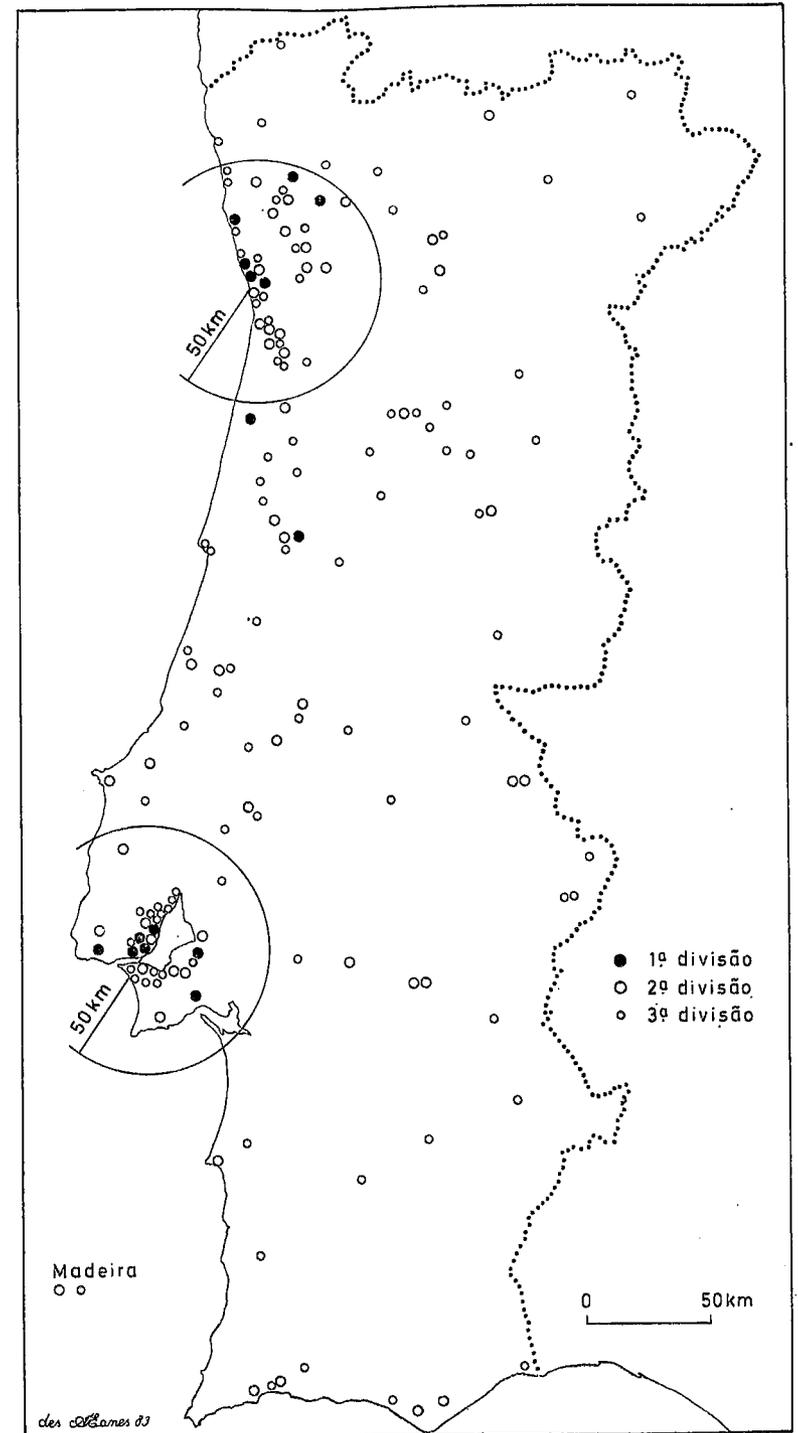


Fig. 6 — Grupos de futebol nas 1.ª, 2.ª e 3.ª divisões nacionais — época 1976-77

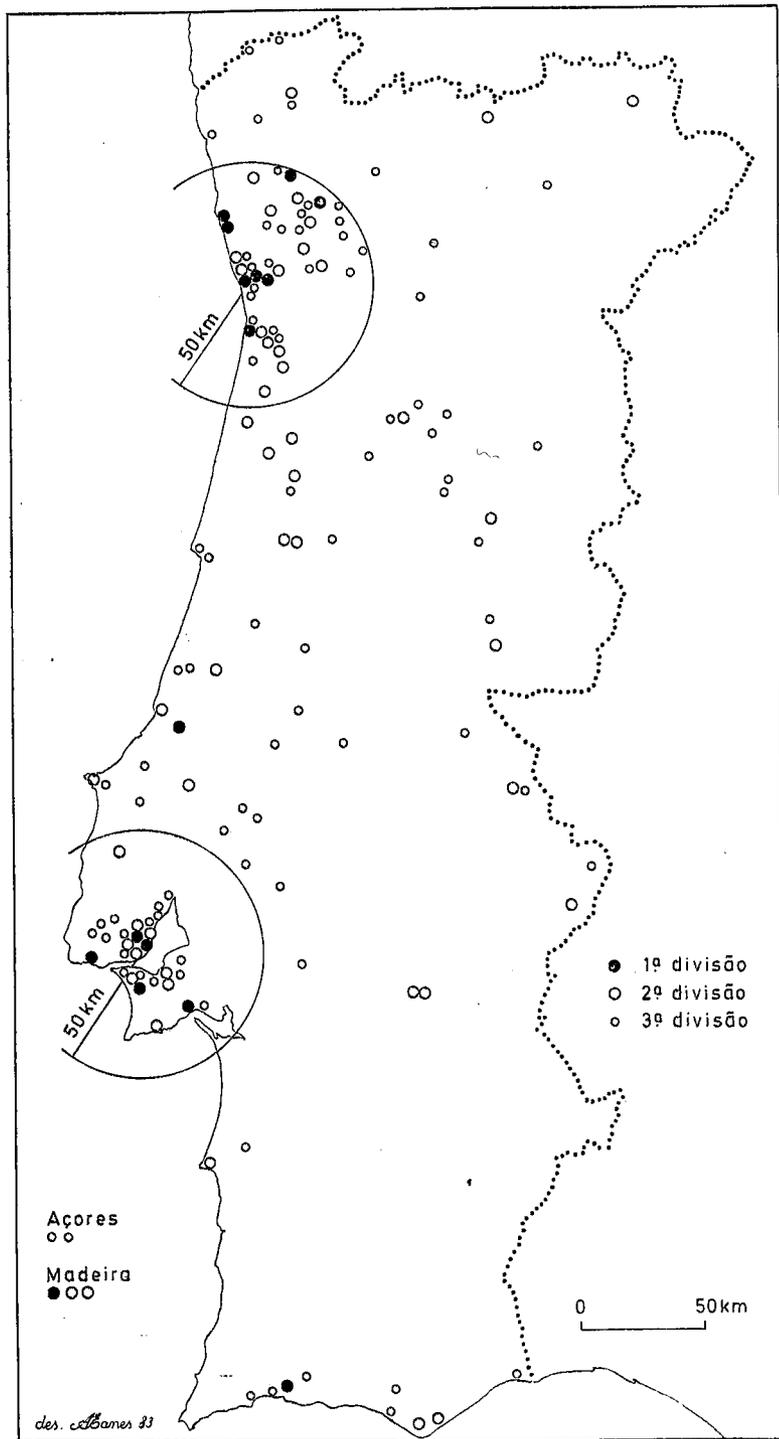


Fig. 7 — Grupos de futebol nas 1.^a, 2.^a e 3.^a divisões nacionais — época 1980-81

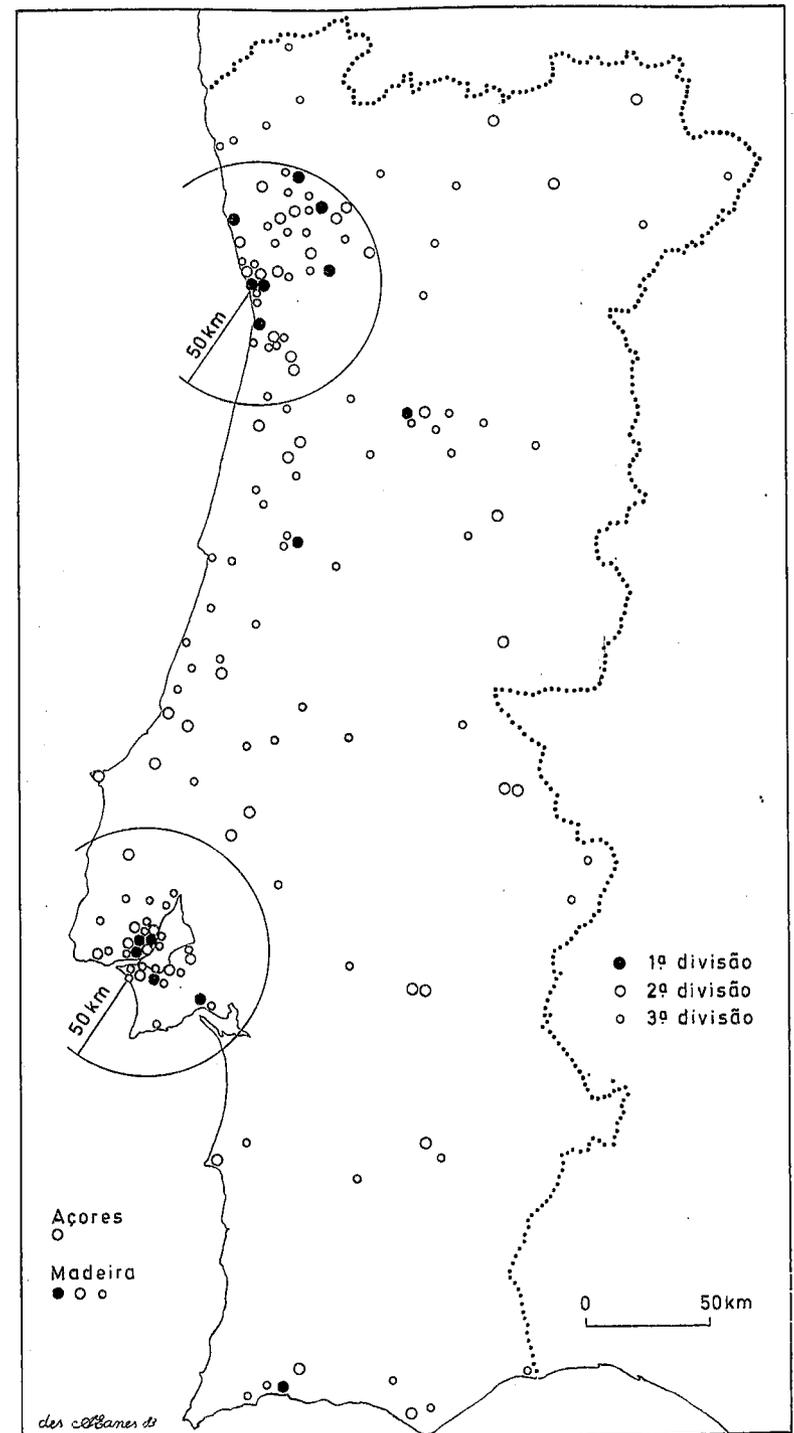


Fig. 8 — Grupos de futebol nas 1.^a, 2.^a e 3.^a divisões nacionais — época 1982-83

A análise das figuras 5 a 8 evidencia alguns aspectos da distribuição geográfica dos clubes de futebol que apontam para a confirmação da leitura que acabámos de sintetizar. O aspecto mais saliente é o grande aumento que se verifica de 72/73 para 76/77 e 80/81 de clubes da II Divisão localizados no interior (incluindo todo o Alentejo), acabando mesmo por um, o Académico de Viseu, atingir a I Divisão. Destaca-se também a diminuição do número de clubes da I Divisão na área de Lisboa (raio de 50 kms.) e o aumento, em proporção idêntica, na área do Porto (raio de 50 kms.).

Entretanto, nas duas últimas épocas (81-82 e 82-83) observou-se uma certa tendência para se acentuar o peso das áreas urbano-industriais do Norte Litoral, particularmente nos distritos de Porto e Braga, ao mesmo tempo que se reduzia a importância relativa do Norte e Centro interiores, bem como da área de Lisboa; no Centro Litoral mantém-se ou acentua-se a característica mais marcada, que reside no facto de não se destacarem nitidamente equipas primodivisionárias: existe um grande número de equipas de valor equivalente, de Peniche a Aveiro, que tornam muito disputada a Zona Centro do Campeonato da II Divisão, mas dificilmente consegue manter mais do que uma equipa na I Divisão — na realidade, tem-se verificado quase uma alternância entre Beira-Mar, Académico e União de Leiria, com presenças esporádicas (Académico de Viseu, União de Tomar) ou tentativas não conseguidas (Peniche, Oliveira do Bairro, Marinhense) por parte de outras equipas. No Sul, Alentejo e Algarve, as duas últimas épocas não trouxeram transformações muito marcadas, embora se tenha desenhado um aumento do peso do Algarve e uma descida do Alentejo.

As últimas transformações sugerem que depois de um período (após 25 de Abril) em que se desenhou uma certa ascensão dos clubes de áreas menos desenvolvidas, nomeadamente o Norte e Centro interiores, bem como o Alentejo, tudo parece regressar à situação anterior, com a forte dominância das duas áreas metropolitanas e a afirmação pouco marcada do Centro Litoral e um Algarve sempre bipolarizado e com flutuações decorrentes do próprio carácter da sua principal base económica — turismo *versus* construção civil.

A mudança nas áreas das duas maiores aglomerações urbano-industriais, que se insere numa subida para norte do centro de gravidade dos clubes da I Divisão, reveste uma dinâmica que convém assinalar. Na área de Lisboa, os clubes que descem de divisão pro-

vêm todos de concelhos industriais (Cuf, Barreirense, Montijo) e da zona industrial da cidade de Lisboa (Atlético, ãe Alcântara); entretanto, subiram o Estoril (que viria a descer e a subir de novo) e o Amora, ambos localizados em áreas de intenso ritmo de construção civil e, assim, mais em relação com a introdução de capitais provenientes da construção civil e especulação fundiária do que com o fenómeno industrial. Na área do Porto, observa-se o aparecimento, com mais ou menos duração, de clubes de pequenos núcleos urbanos com forte implantação industrial, mas onde predomina o têxtil (Vila do Conde, Famalicão, Santo Tirso, Penafiel), que no passado não representou um papel tão importante como outras indústrias no suporte ao desenvolvimento de clubes do escalão superior.

Se atribuímos um peso a cada clube, em função da divisão em que se encontra e na proporção do número de clubes em cada divisão⁽⁴⁾, o seu somatório reflete o peso futebolístico de uma dada região. Utilizando os valores referidos, verificamos (Quadro I) que a área de Lisboa, que representava em 1972-73, 29,7 % dos clubes a nível nacional, baixou para 24,6 % em 1980-81, enquanto o Porto subia de 29,2 % para 32,6 %, o resto do Litoral desceu de 29,1 % para 25,4 %, e o Interior observou a maior subida, de 12,0 % para 17,4 %.

QUADRO I

Potencial futebolístico em cada uma das unidades territoriais individualizadas: 1972/73; 1976/77; 1980/81 e 1982/83

Unidades territoriais	Épocas			
	1972/73 %	1976/77 %	1980/81 %	1982/83 %
LISBOA (raio de 50 km)	29.7	27.4	24.6	24.0
PORTO (raio de 50 km)	29.2	28.8	32.6	35.6
LITORAL (Excluindo Lisboa e Porto)	29.1	27.0	25.4	27.3
INTERIOR	12.0	16.8	17.4	13.1

(4) Na época 1972-73: 12 pontos para clubes da I Divisão; 6 para a II; 3 para a III. Nas épocas de 1976-77 e 1980-1981; 12 para a I; 4 para a II e 2 para a III.

Não obstante uma subida relativa do peso dos clubes do interior durante os anos 70 e o aparecimento de clubes de pequenos centros nos campeonatos nacionais, extensas áreas do país continuam ausentes, como se poderá verificar pela leitura dos mapas das figuras 9 a 12. Assim, apenas 4 concelhos (em 305, incluindo Madeira e Açores) — Guimarães, Porto, Lisboa e Setúbal — mantiveram permanente-

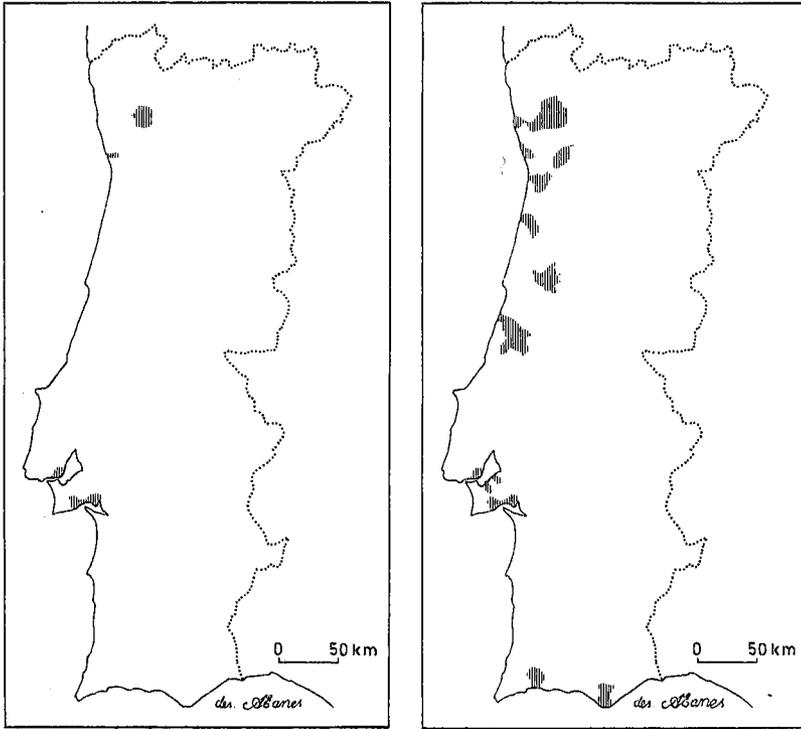


Fig. 9 — Concelhos que sempre tiveram clubes de futebol na 1.ª Divisão Nacional (1970-81)

Fig. 10 — Concelhos que sempre tiveram clubes de futebol pelo menos numa das duas primeiras divisões nacionais (1970-81)

mente um ou mais clubes na I Divisão no período de 1970-1981; nenhum clube permaneceu exclusivamente na II Divisão; apenas 18 concelhos — todos na faixa litoral — tiveram sempre pelo menos um clube na I ou II Divisões; considerando os três escalões nacionais, é ainda reduzido o número de concelhos que mantiveram ao longo daquele período um clube em competição e, desses, apenas nove — Chaves, Vila Real, Lamego, Viseu, Covilhã, Portalegre, Elvas, Évora

e Beja — são marcadamente interiores: note-se que, destes nove concelhos, cinco correspondem a capitais de distrito e apenas Lamego não atinge 10 000 habitantes. Por último, cerca de 50 % dos concelhos do país nunca tiveram um clube numa das três divisões nacionais e, desses, a grande maioria localiza-se no interior.

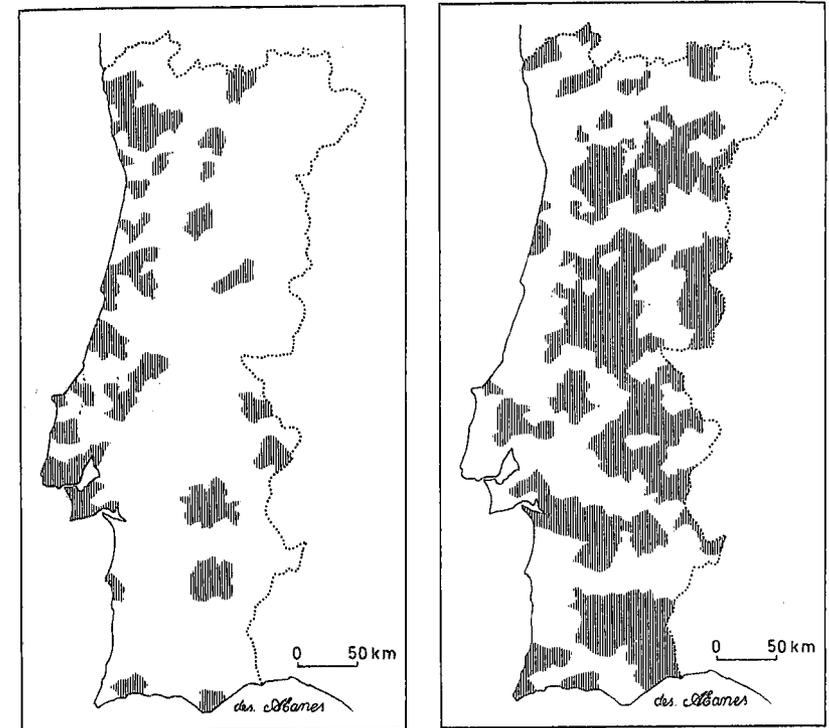


Fig. 11 — Concelhos que sempre tiveram clubes de futebol pelo menos numa das três divisões nacionais (1970-81)

Fig. 12 — Concelhos que nunca tiveram clubes de futebol pelo menos numa das três divisões nacionais (1970-81)

Relações entre Futebol e Actividades da População

A análise de correlação efectuada entre o potencial futebolístico de cada concelho e distrito (obtida a partir da ponderação, atrás descrita, para as equipas das três divisões)⁽⁵⁾, o nível de desenvolvi-

⁽⁵⁾ Claro que outros indicadores poderiam ser preferíveis, caso do número de jogadores inscritos por cada equipa, mas perante a dificuldade de obter tais valores óptimos pela simples qualificação de cada clube, em termos da divisão que frequenta, o que nos parece razoável.

mento económico e a percentagem da população activa de cada uma dessas unidades territoriais, veio confirmar algumas hipóteses ou observações allicerçadas num conhecimento global da Geografia do país. Por outro lado, verificou-se que a situação não ofereceu modificações sensíveis relativamente às observações registadas no início da década de setenta, não obstante algumas transformações na nossa Geografia futebolística e a que já fizemos referência.

A primeira conclusão, de natureza geral, é a de que, como se esperaria, existe uma relação muito estreita (coeficientes de correlação potencial futebolística Pf/Produto interno bruto (PIB) por habitante, da ordem dos 0.80 e 0.30) entre a importância dos clubes de futebol e o grau de desenvolvimento económico, tanto a nível distrital como concelhio (Quadro II).

QUADRO II

Correlação (R) entre o potencial futebolístico e o produto interno bruto por habitante, por concelho e distrito — 1972/73; 1976/77 e 1980/81

Unidades territoriais (observações)	Épocas		
	1972/73	1976/77	1980/81
Concelho28	.30	.26
Distrito84	.78	.72

O mesmo tipo de análise aplicado aos três grandes tipos de actividade e tendo por base a percentagem da população activa em cada um deles (Quadro III), já permite uma maior diferenciação, evidenciando-se mais nitidamente que tipo de meio é mais propício à eclosão de clubes de futebol. Assim, a correlação com a população do sector primário apresenta-se altamente negativa, variando entre -0.91 e -0.95 quando a unidade de análise é o distrito, e entre -0.51 e -0.55, quando é o concelho. Em qualquer dos casos os valores são, do ponto de vista estatístico, francamente significativos. Note-se que, se retirássemos a população activa no sector das pescas e a juntássemos ao sector secundário, a correlação seria ainda mais nítida, já que muitos centros piscatórios, pelas características sociológicas das suas populações decorrentes do tipo de trabalho e das relações de produção desenvolvidas, têm condições propícias à prática de desportos de competição e particularmente à do futebol — citam-se os exemplos de Póvoa do Varzim, Vila do Conde, Peniche, Portimão, Olhão e Vila Real de

Santo António, tendo naturalmente em conta que em todos eles outras actividades industriais assumem também um papel de relevo.

No que respeita aos sectores secundário e terciário, as correlações são sempre positivas e significativas em termos estatísticos, sugerindo portanto a existência de condições propícias ao desenvolvimento do futebol em núcleos ou áreas marcadamente urbanos. Considerando apenas os distritos, as correlações do potencial futebolístico com o sector secundário são em dois anos ligeiramente mais altas do que com o sector terciário, o que confirma a análise efectuada em 1971; todavia, quando a base territorial é o concelho, o que em princípio permitiria uma melhor aferição, os coeficientes de correlação (R)

QUADRO III

Correlação (R) entre o potencial futebolístico e as actividades da população, por concelho e distrito: 1972/73; 1976/77 e 1980/81

Unidades Territoriais (observações)	Sector de actividade	Primário	Secundário		Terciário	
		Total	Total	Sem Lisboa e Porto	Total	Sem Lisboa e Porto
CONCELHO	1972/73	— .55	.38	.52	.56	.46
	1976/77	— .51	.34	.46	.53	.44
	1980/81	— .53	.37	.48	.54	.44
DISTRITO	1972/73	— .95	.80		.77	
	1976/77	— .94	.75		.81	
	1980/81	— .91	.79		.70	

são francamente mais fortes para o sector terciário. Claro que esta verificação estatística implica alguma reflexão. Começamos por fazer notar que o peso das cidades de Lisboa e Porto, onde a percentagem de terciário é bastante elevada, contribui para o resultado obtido; se retirarmos estas duas cidades da análise, os coeficientes de correlação (R) andam em torno de 0.46 a 0.52 e de 0.44 a 0.46, respectivamente para o sector secundário e terciário. É sem dúvida nestas cidades que o futebol assume em mais elevado grau a sua faceta de espectáculo e os clubes são geridos em termos empresariais, tendo, sobretudo os três maiores, todo o país como área de recrutamento permanente

e muito especialmente as áreas industriais da periferia de cada uma das cidades. Além disso, como já referimos, nos últimos anos tem vindo a acentuar-se, em grande medida devido à nova legislação sobre contratação de jogadores, uma maior independência da constituição das equipas relativamente ao recrutamento nas respectivas localidades e áreas próximas. Todavia, não se pode negar que, sobretudo para os escalões mais baixos e mesmo para algumas equipas da primeira divisão, continua a existir uma relação estreita entre o ambiente sócio-económico e o desenvolvimento da prática futebolística entre as camadas mais jovens: ora os ambientes caracterizados pelo domínio da classe operária continuam a ser os mais propícios para a sua prática, o que cremos vir a demonstrar através de análises mais finas no prosseguimento das nossas pesquisas. Entretanto, convém desde já assinalar que, devido à crescente mobilidade geográfica a nível local e mesmo sub-regional, também a área de recrutamento dos pequenos clubes é cada vez mais vasta, pelo que o concelho não deverá constituir a unidade ideal para esta análise; não é igualmente o distrito, quer pela sua falta de homogeneidade socioeconómica, quer pela falta de articulação espacial inetrna. Assim, em análise futura, deverão ser utilizadas unidades territoriais, com base na junção de concelhos com características de homogeneidade, complementaridade e inter-relações funcionais.

Apenas a título de exemplo indicamos algumas situações concretas a nível de concelho, que corroboram as sugestões da análise que acabámos de referir. Na época de 1972-1973, e a situação praticamente não veio a alterar-se, existiam onze concelhos com mais de 50 % da população activa trabalhando na indústria, sem que em nenhum deles ocorresse qualquer equipa de futebol numa das três divisões nacionais. Se os casos de Manteigas (59,4 % dos activos na indústria), de Castanheira de Pêra (73,0 %) e, embora em menor grau, de Alcanena (67 %) se explicam facilmente pelo isolamento e pequena dimensão demográfica, o mesmo já não se passa em relação aos restantes oito concelhos, todos implantados em áreas de franco desenvolvimento e elevada concentração urbano-industrial. Moita (57 %), localizada na Margem Sul do Tejo, entre o Barreiro e o Montijo; Águeda (54,4%), na área industrial que se estende para sul do Porto e tem os principais pólos meridionais em Aveiro e Águeda; Gondomar (61 %), Maia (67,7 %), Valongo (66,2 %), Paredes (59 %), Lousada (50 %) e Felgueiras (51 %), todos na área indus-

trial de imediata influência do Porto. Ora estes oito concelhos funcionaram essencialmente como complementos de outros, vizinhos, onde a prática organizada do futebol se processou mais cedo — acompanhando também um desenvolvimento mais precoce do fenómeno industrial⁽⁶⁾. Esta verificação sugere assim a existência de condições para num futuro próximo aparecerem aí equipas, que poderão vir a ocupar o lugar das existentes em concelhos vizinhos, como já se está a verificar com Águeda e Valongo. Note-se que os arredores de Lisboa e Porto, particularmente as manchas industriais, têm evidenciado uma grande instabilidade no que respeita ao posicionamento das equipas de futebol nos vários escalões nacionais; atente-se na subida e descida de equipas como o Seixal, o Amora, o Barreirense, o Montijo, a Oliveirense, o Feirense, a Sanjoanense, o Rio Ave, o Tirsense, o Famalicão, o Penafiel, o Riopole, para só citar aquelas que nos últimos anos conheceram o escalão superior e, nalguns casos, chegaram até ao inferior. Em análise futura importará elucidar o porquê desta instabilidade, relacionando-a não só com os habituais fenómenos de intervenção de «personalidades capitalizantes»⁽⁷⁾ mas também com as próprias estruturas de associativismo local, da forma e grau de adesão e participação por parte das populações.

Como já ficou expresso e subjacente ao longo desta análise, a hipótese central assenta no pressuposto de que existe uma maior propensão das camadas jovens do proletariado industrial para a prática do futebol, permanente e orientada para a eventual profissionalização. É fácil explicar por que se não verifica o mesmo entre a população agrícola, tanto campesinato como assalariados, na medida em que, por um lado, o tempo disponível e/ou desgaste físico não permitem grandes potencialidades para a prática de um desporto desgastante, que implica continuidade, e, por outro lado, as condições

⁽⁶⁾ Note-se também que nos concelhos do Norte e Centro a percentagem de população industrial não tem o mesmo significado que noutras regiões industriais devido ao elevado número de operários-camponeses.

⁽⁷⁾ É frequente, senão mesmo uma regra, em qualquer tipo de clube de futebol o aparecimento de indivíduos que procuram uma afirmação pessoal através do acesso a cargos directivos, particularmente ao de Presidente. Estes indivíduos chegam, para isso, a fazer donativos ou empréstimos vultosos. Trata-se muitas vezes de homens com sucesso no mundo dos negócios, mas sem grande projecção social, que na direcção dos clubes procuram como que uma legitimação da classe, de certo modo uma nobilitação.

objectivas de constituição de formas associativas não são evidentes como nos meios operários, particularmente no respeitante às áreas de predomínio do campesinato⁽⁸⁾. Já não se apresenta tão evidente a menor capacidade, para o desenvolvimento da prática futebolística, observada nas áreas de predomínio do sector terciário ou, por outros termos, nas áreas onde dominam os vários estratos da burguesia⁽⁹⁾. De resto, como vimos na análise de correlação, não existe um suporte estatístico evidente que afirme a prevalência do sector secundário em relação ao terciário no tocante à prática do futebol, perspectivada através da ocorrência de clubes que representam as divisões nacionais.

Creemos que, neste último aspecto, a linha explicativa para a validação da nossa hipótese central deverá assentar em dois pontos: 1) o meio operário é mais propício ao estímulo da prática do futebol, por um lado, porque as alternativas de outros desportos são menores (relativamente às da burguesia) e, por outro lado, porque o futebol aparece como o horizonte mais válido e atingível para a ascensão social. Note-se que existem indícios de que nos últimos anos, com a valorização em termos financeiros e sociais da *profissão* de futebolista, a eventualidade da adesão a uma tal carreira por parte dos filhos da pequena burguesia passou a ter uma maior aceitação. 2) Com a assumpção do futebol/espectáculo/empresa, verifica-se o controlo cada vez maior dos clubes/empresas por parte de grupos organizados, que pouco ou nada têm a ver com a génese da prática do futebol, enquadrada em colectividades, que se verificava anteriormente. Esta nova situação implica também um alargamento dos aderentes ao jogo e ao espectáculo, que se não é tão visível num aumento evidente dos que acorrem regularmente aos estádios, está bem patente no desenvolvimento de práticas paralelas: transmissões totais ou parciais na televisão, totobola, jornalismo desportivo...

⁽⁸⁾ Em Portugal, as formas colectivas de desporto são essencialmente urbanas. Nas áreas rurais verifica-se que, tradicionalmente, dominam desportos mais orientados para a prática individual: ciclismo, caça, pesca, chinquillo, jogo do pau...

⁽⁹⁾ O facto de outros desportos, como o andebol, o basquetebol, o voleibol, o hóquei em patins, ocorrerem sobretudo em áreas urbanas ou suburbanas onde predominam os terciários, poderá ter que ver com formas de distinção social. Note-se que a prática destes desportos é geralmente desenvolvida nos estabelecimentos do ensino secundário.

RÉSUMÉ

Les transformations récentes de la géographie du football au Portugal.

Cet article est le prolongement et le développement des lignes de recherches déjà divulguées dans deux études antérieures. Cet ensemble d'études prétend attirer l'attention sur la dimension géographique du phénomène du football en l'intégrant dans le contexte plus vaste du développement urbain et industriel. Ainsi, a-t-on cherché à déterminer quels sont les facteurs principaux, de nature économique et sociale, qui ont contribué à l'ascension, au maintien et à la décadence du potentiel des clubs de football dans diverses régions et villes du Portugal.

Le football est une des principales activités des temps libres sur toute l'extension du territoire portugais. Aussi bien au niveau international que national, le football représente un espace de dialogue, par l'identification qu'il engendre comme par l'ouverture qu'il permet. Il fait oublier ou dévier les tensions sociales puisque les matches apparaissent, surtout pour le public, comme des lutes pour l'affirmation de possession ou la consolidation de droits sur un territoire; de là le caractère interclasse avec lequel se développe et se consomme le phénomène du football aux divers échelons spatiaux.

Jusqu'en 1974, on peut dire que l'expansion du football est en étroite relation avec la croissance urbaine et industrielle, et plus particulièrement avec la fonction industrielle qui est à l'origine d'une grande concentration de sa pratique comme sport et comme spectacle. Toutefois, après le 25 avril 1974, on vérifie, en une certaine mesure, une inversion de cette tendance; on observe une régression du potentiel des clubs de football des cantons hautement industrialisés alors que, dans d'autres régions, notamment localisés dans des centres tertiaires, les clubs sont en expansion. On vérifie également une hausse de la préférence pour le football-spectacle, les clubs s'organisant chaque jour davantage en de véritables entreprises: ainsi leur tendance à la recherche de potentiels investisseurs, qui, dans la plupart des cas, n'ont rien à voir avec le football, est toujours plus grande. De la même façon, la plus grande indépendance dans la constitution des équipes relativement au recrutement des joueurs (en grande partie à cause de la législation actuelle sur la contraction des joueurs) s'est traduit par une croissance mobilité géographique même dans le cas de petits clubs; en ne peut pas nier, toutefois, que pour les échelons les plus bas et même pour quelques équipes de la première division, continue à exister une relation étroite entre l'ambiance socio-économique et le développement de la pratique du football parmi les échelons étaies les plus jeunes.

Au-delà de son rôle de loisir, de sublimation et de contention des conflits sociaux, le football est encore un moyen d'affirmation et de promotion dans différentes classes sociales.

SUMMARY

Recent changes in the geography of football in Portugal.

This article continues and develops the areas of research which were divulged in two earlier studies. The aim of our studies is to highlight the geographical dimension of football, including it in the larger context of urban-industrial development. Thus, we have endeavoured to determine the most relevant factors — economic and social — which have contributed towards the rise, maintenance or decline of football potential in the different regions and districts.

Football is one of the main leisure activities and is immensely popular in the whole of the country. Both at international level and within the country itself, football provides the opportunity for dialogue and does so by the identification it generates and by the outlet which it represents. It makes spectators forget or divert social tensions, in that matches are perceived — above all by the public — as struggles to affirm ownership or consolidation of rights over a territory; hence the inter-class nature of the evolution of the football phenomenon in the different spatial strata. Up to 1974, football can be said to have spread in close connection with urban-industrial growth, special stress on the industrial function, having gained great popularity both as a sport and as entertainment. However, after the 25th April 1974, this trend was to a certain extent reversed. There has been a regression of football potential in highly industrialized areas, while at the same time other areas — namely those situated in tertiary centres — have witnessed the rise of clubs.

It is as entertainment that football has expanded and prevailed. More and more, clubs are being organized as business concerns and because of this, they have become increasingly attractive to potential investors who have very little to do with the birth of football. Similarly, the greater degree of freedom in recruiting players for teams (largely due to current legislation on contracting players) has led to enhanced geographical mobility. This applies even to the smaller clubs, although it cannot be denied that in the case of the lower rungs and even some first division teams, there continues to be a close connection between the socio-economic atmosphere and the development of football playing among younger age groups.

Besides playing a role in leisure pursuits and in sublimating and containing social conflict, football also represents a process of assertion and promotion different social classes.